



'Foca na Pauta'

## Alunos da Unisantos falam sobre medo de que ditadura se torne 'desejável'

Pesquisadores alertam que descrédito na classe política afeta o processo democrático.

HÁ 2 DIAS · EM EDUCAÇÃO

# Cientista político teme que ditadura tenha se tornado 'desejável' nas eleições de 2018

Pesquisadores alertam que descrédito na classe política afeta o processo democrático.



Por Beatriz Araujo\*  
08/09/2018 06h22 - Atualizado há 2 dias



Alcindo Gonçalves: País precisa progredir economicamente e se desenvolver 'em um ambiente de democracia, pluralidade e liberdade individual' (Foto: Beatriz Araujo)

A democracia corre o risco de se enfraquecer em meio à crise econômica, aos escândalos políticos e ao sentimento de desconfiança popular vividos no Brasil, cenário que resulta em polarização ideológica e radicalismo. "Falamos da ditadura como se fosse algo mais do que normal, falamos como se fosse algo desejável", afirma o cientista político Alcindo Gonçalves.



Para ele, as eleições de 2018 são afetadas pelo descrédito da classe política e pela consequente falta de interesse da população quanto aos rumos do país. A corrupção, diz Gonçalves, gerou o raciocínio simplista de que todos são ladrões na democracia. "Esse pensamento é perigoso. Não se trata mais de criticar o partido ou o político, e sim de criticar a democracia enquanto fórmula de governo", alerta.

O Brasil é considerado um país com uma democracia fraca ('flawed democracy', no original), segundo o Índice de Democracia da Economist Intelligence Unit de 2017, publicado pela revista The Economist. Os indicadores dizem respeito ao processo eleitoral e ao pluralismo, às liberdades civis, ao funcionamento do governo, à participação e à cultura política. Segundo o levantamento, no ano passado, o país atingiu sua pontuação mais baixa com relação aos anos anteriores.

Diante desse contexto de descrédito e desilusão que atinge o processo democrático, há mais pessoas dispostas a defender soluções autoritárias e repressivas, afirma Alcindo Gonçalves. Ele argumenta que a descrença faz as pessoas enxergarem a salvação no diferente, no extremo contrário – pensamento este otimizado pela polarização política nas redes sociais, "um ambiente de céu e inferno".

Apesar disso, "a desilusão continua faz parte da mudança", diz o cientista político. "São transformações. Talvez estejamos vivendo, na política, um desses períodos históricos de transição, de mudança de parâmetros e paradigmas. É um período difícil para o país, porque 'o velho ainda não morreu, e o novo não nasceu'".

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Alcindo continua apostando na democracia como a melhor forma de governo. Ele acredita que o país precisa progredir do ponto de vista econômico e de desenvolvimento, mas "em um ambiente de democracia, pluralidade e liberdade individual, não em um regime de exceção". "Os regimes totalitários, além de violentos, desrespeitam os direitos individuais. Eles nunca levaram país nenhum a uma situação melhor. É uma ilusão terrível", conclui.

## O ringue das redes sociais

O clima de competição que ganha espaço nas redes sociais faz com que os eleitores se envolvam de um modo questionável com o processo político, afirma o publicitário Wanderley Camargo, que atua na área de marketing político há quase 20 anos. "O brasileiro não gosta de política, ele gosta de politicagem, desse clima de competição da campanha, como se o candidato fosse um time de futebol".

O consultor de marketing político Ari Brito concorda que "não é bom" quando existem dois lados extremos. "No geral, acaba não tendo um denominador comum. No extremo, o país fica dividido". E, em meio à crise política e econômica, passa a existir a percepção de que a democracia está sob ameaça.

É nesse contexto que as redes sociais se transformaram no novo palanque eleitoral. "A rede social virou a televisão de antigamente. Está todo mundo se comunicando lá", diz Brito. Essa concentração, segundo ele, faz com que o engajamento dos políticos nas redes sociais seja tão importante quanto a propaganda nos veículos tradicionais.

Para o consultor, como os políticos não conseguem falar com todos ao mesmo tempo nas redes sociais, a exemplo do que ocorre na televisão e no rádio, é preciso que as campanhas eleitorais comecem em nichos, para depois "explodirem" a todo mundo. O problema, segundo ele, é que um discurso muito segmentado cria o risco de o candidato não conseguir ampliar seu nicho, abrangendo mais eleitores.

Wanderley Camargo ressalta que há um "lado negro" na força desses novos meios. "Muita gente entende o Facebook como veículo de comunicação, e ele não é. É um aplicativo de rede social, de mensagem entre pessoas. Esse é o perigo". Ele diz que há muita informação disponível, mas considera necessário o eleitor filtrar essas informações, para não ser enganado.

Camargo destaca o risco das chamadas 'fake news', informações falsas disseminadas propositalmente para confundir as pessoas. "Quando você posta alguma coisa falsa em rede social, alguém nos comentários vai acabar revelando isso. Mas quem lê posts e todos os comentários que surgem? Ninguém. Tem post que vira um chat. Então, isso é extremamente perigoso".

*Sob supervisão de Ivair Vieira Jr, do G1 Santos*

SANTOS

---